

Aspectos prosódicos da língua Shawã (Pano)

Prosodic Aspects of Shawã (Pano) Language

*Emerson Carvalho de Souza**

**Universidade Federal de Roraima (UFRR)*

Resumo: Este trabalho argumenta que vogais nasais são resultantes de nasalização por uma coda nasal em Shawã, família Pano. Embora esta afirmação seja comum para as línguas desta família linguística (cf. SHELL, 1975; LOOS, 1977), a argumentação aqui apresentada é nova, uma vez que o comportamento de epêntese é descrito como evidência para a presença de uma coda nasal na língua. Antes de expor os resultados acerca da nasalidade em posição de coda, apresenta-se o acento tônico na língua indígena. Para tanto, como suporte teórico para nossa pesquisa, buscou-se respaldo nas ideias de Hayes (1995), Clements e Hume (1995), Piggott (1992), Halle (2002) entre outros.

Palavras-chave: Nasalidade. Acento. Língua indígena. Língua Shawã.

Abstract: This paper argues that nasal vowels are the result of nasal nasal coda in Shawã, the Pano family. Although this statement is common to the languages of this linguistic family (SHELL, 1975; LOOS, 1977), the argument here is new, since the behavior of epenthesis is described as evidence for the presence of a nasal coda in the Shawã Language. Before presenting the results about nasality in coda position, we present the tonic accent in the indigenous language. For this, as theoretical support for our research, we used the ideas of Hayes (1995), Clements and Hume (1995), Piggott (1992), Halle (2002) among others.

Keywords: Nasality. Accent. Indigenous language. Shawã language.

Introdução

O Objetivo deste texto é descrever aspectos prosódicos da Língua Shawã (Pano), argumentando a proibição de coda complexa. Para tanto se ampliou a discussão feita em Souza (2012), sobre o acento e a nasalidade e, para além disso, encontra-se aqui descrito o comportamento da epêntese como evidência para o preenchimento de uma coda nasal.

Cabe aqui ressaltar que o povo que fala a língua Shawã encontra-se na Serra do Divisor, fronteira entre o Brasil e o Perú, e a seguir apresenta-se de forma breve algumas informações sobre o grupo e seus costumes, e logo adiante começar-se-á a descrição dos constituintes prosódicos da língua.

1 Um pouco sobre a língua e a cultura Shawãdawa

O povo Shawã encontra-se no alto do rio Juruá, Estado do Acre em três comunidades indígenas: no Igarapé Humaitá, no rio Valparaíso, e no rio Bagé. É neste último grupo que os dados para esta análise foram coletados, isto é, com auxiliares de pesquisa da comunidade Jamináwa-Arara que se focalizou o estudo sobre aspectos da prosódia da língua.

No que concerne à língua Shawã, ela caminha a passos largos para extinção, embora existam alguns projetos de preservação e manutenção¹ do idioma, pode-se observar que a função social da língua não ocupa há muito tempo lugar de prestígio dentro das comunidades. Por isso, ao invés de falantes da língua, é mais preciso dizer aqui que os dados foram fornecidos por lembradores do Shawã.

Vale mencionar que o total da população do grupo Jamináwa-Arara é de 180 pessoas, distribuídas em três aldeia (São Sebastião, Buritizal e Siqueira)². Estes grupos sobrevivem da caça, pesca e coleta de frutos da mata. Ainda cultivam a mandioca para produção de farinha e criam galinhas para o abate. Entretanto, por causa do contato frequente com a sociedade não índia, novos costumes têm sido adquiridos pelos indígenas, tanto no que tange aos hábitos alimentares como o consumo de óleo de soja, açúcar e produtos enlatados, bem como ao uso de tecnologia.

¹ Projetos de documentação estão em andamento para construção de acervos de aspectos da cultura e da língua indígena; um vasto material foi repassado a UNESCO, o qual foi declarado como patrimônio imaterial da Humanidade.

² O senso foi realizado em trabalho de campo no ano de 2008.

Como já foi mencionada, a língua Shawã não é mais falada cotidianamente, ou seja, todos falam português, salvo em raros contextos, alguns anciões ainda falam a língua nativa ou quando solicitados por alguém³, como foi o meu caso. Por isso, de acordo com a literatura, o Shawã é um idioma seriamente ameaçado a desaparecer, pois possui poucos “falantes” que usam a língua em algumas ocasiões. Alguns estudiosos classificam esta língua em uma escala de desaparecimento; entre estes destacamos Wurm (1998, p. 192) que propõe uma tipologia da ameaça que inclui cinco níveis:

- 1 – Línguas potencialmente em perigo: são aquelas que estão em desvantagem econômica e social, sob forte pressão de uma língua dominante e que estão começando a perder crianças falantes;
- 2 – Línguas em perigo: há poucas crianças ou nenhuma aprendendo a língua e os falantes mais fluentes são jovens adultos;
- 3 – Línguas seriamente em perigo: os mais novos falantes têm idade igual ou superior a 50 anos.
- 4 – Línguas moribundas: há mais ou menos cinco falantes, sendo a maioria muito idosa;
- 5 – Línguas extintas: não possuem falantes.

Baseando-se nesses critérios, pode-se afirmar que o Shawã é uma língua seriamente ameaçada ou moribunda porque há somente (na comunidade Jamináwa-Arara) sete falantes nativos (todos com idade superior a 80 anos). As crianças não têm mais contato com a língua e o “português-índio” tornou-se a língua de prestígio dentro da comunidade.

Imbuídos dessas preocupações, fomos motivados a descrever e documentar a língua, uma vez que, como afirmamos, acredita-se que essa encontra-se em processo acelerado de extinção.

De posse deste contexto, antes de apresentar os fatos de nasalidade e epêntese, cabe discutir acento tônico, uma vez que epêntese é um fenômeno rítmico (cf. ITO; MESTER, 1986).

³ Tanto o uso da língua Portuguesa, bem como os raros contextos de uso do Shawã pelo povo indígena mercede atenção no âmbito dos estudos sociolinguísticos; todavia pondera-se que o objetivo deste estudo é tão somente observar aspectos formais prosódicos do idioma.

2 O acento na Língua Shawã

Em Shawã, a maioria das palavras simples (não compostas) é constituída por duas sílabas quando se encontram em sua forma primitiva ou básica, isto é, sem acréscimo de afixos, como em (1: a-c), a seguir. Os raros monossílabos são todos tônicos, como em (1: d-f). As palavras com três ou mais sílabas se dividem em dois grupos: o das não derivadas (em número reduzido), ou seja, as formas plenas em adição de afixos, como em (1: g-h) e o das palavras formadas por uma raiz acrescida de afixos, como em (1: i-m):

(1)

a)	[da.'iʔ]	[dai]	‘céu’
b)	[ka.'man]	[kamaN]	‘cachorro’
c)	[nu.'quʔ]	[nuku]	‘pron. Meu’
d)	['huʔ]	[hu]	‘cabelo’
e)	['tʃiʔ]	[tʃi]	‘fogo’
f)	[ʔ]	[iN]	‘pron. Eu’
g)	[uʃ.tu.'quʔ]	[uʃtuku]	‘macaco’
h)	[pa.hi.'ciʔ]	[pahiNki]	‘orelha’
i)	[va.ci.'huʔ]	[vakihu]	‘menino’
j)	[mu.fi.'tiʔ]	[mufiti]	‘mão’
l)	[pa.ʃi.na.'paʔ]	[paʃinapa]	‘amarelo’
m)	[va.ka.pi.a.'tiʔ]	[vakapiati]	‘bicho d’água’
n)	[ku.ta.va.'kiʔ]	[kutavaki]	‘coqueirinho’

Como observamos nos dados expostos, em (1), independentemente do número de sílabas de que a palavra é constituída, o acento é sempre previsível, caindo de forma recorrente na última sílaba. Os dados em (1: i-m) ainda nos mostram que o acréscimo de afixos não interfere na posição do acento que permanece recaindo na sílaba final. Esse aspecto prosódico é também compartilhado por outras línguas da família Pano, como o

Shanenawa (Cândido, 2004), o Yawanáwa (Paula, 2004), o Katukina (Aguiar, 1994) e (Barros, 1989), Saynáwa (Couto, 2015). Se considerarmos a proposta de Hayes (1995) é possível afirmar que, em Shawã, o acento é resultado da formação de pés iâmbicos ilimitados.

Na teoria métrica, Hayes (1995, p. 83) nota que pés iâmbicos são sempre sensíveis ao peso. O autor ainda afirma que as sílabas leves que carregam o acento principal tendem em sistemas iâmbicos a serem reajustadas em pesadas, seja por alongamento vocálico ou por inserção de uma coda silábica. Ele rotula este fenômeno de *Iambic Lengthening* (*alongamento iâmbico*). Pode-se observar que o Shawã evidencia este fenômeno: se a sílaba que carrega acento primário for leve, ocorre a inserção fonética de uma oclusiva glotal, transformando esta sílaba em um iâmbico canônico.

As palavras dos tipos compostos parecem reafirmar essa hipótese, pois nelas o acento principal permanece caindo na última sílaba e desengatilhando epêntese, tal como nos mostram os dados em (2). O acento principal da primeira palavra é reduzido para secundário, que deixa de desengatilhar a epêntese.⁴

(2)

a) [i'viʔ] + [pa'niʔ] * [i,vipa'niʔ] 'cama'
pau + rede

b) [ta'riʔ] + [ci'jĩʔ] * [ta,rici'jĩʔ] 'calça'
roupa + coxa

c) [pi'aʔ] + [nau'aʔ] * [pia,nau'aʔ] 'espingarda'
flecha + homem "branco"

⁴ Os fatos podem ser capturados em termos da Fonologia Lexical. Assim, alguém poderia postular que o acento primário é atribuído a palavras lexicais. Assumindo-se tal análise, mais tarde na derivação, quando ocorrer a composição, um processo de redução dos acentos não finais seria processado. Assim, apenas o acento primário (necessariamente final) engatilharia a epêntese da glotal.

Em termos morfológicos, o acento desempenha papel na identificação das palavras da língua. Assim, em uma sequência fônica, é possível saber a delimitação das palavras lexicais pela presença de acento primário, como ilustrado em (3):

(3)		
[nuku? epa?]	# nu,ku # e'pa? #	
meu pai	meu pai	
[vaka? puta?]	# va,ka # pu'ta? #	
água limpa	água potável	
[kuɸu? eka?]	# ku,ɸu # e'ka? #	
arrancar piolho	catar piolho	

Nesses exemplos (3), percebemos que há epêntese em dois momentos de cada uma das sequências. Morfológicamente, então, a língua interpreta cada um desses momentos como uma palavra independente. Daí, cada exemplo ser constituído por duas palavras distintas, diferentemente do que ocorre com um composto.

Em suma, analisamos a presença da oclusiva glotal como resultante de um alongamento iâmbico (*Iambic Lengthening*). Isto é, uma consoante epentética é inserida na sílaba tônica principal para garantir que esta sílaba seja pesada. Desse modo, postulamos que o domínio para inserção da glotal é a palavra fonológica tal qual ilustramos em (02) e (3).

2.1 Inserção de [ʔ]

A oclusiva glotal [ʔ] apresenta-se como ponto default da língua Shawã e só ocorre em final absoluto de palavra⁵, isso pode ser observado em todos os exemplos anteriores; e também nas demais línguas Pano aqui citadas, e vale lembrar que a oclusiva glotal não se realiza em interior de enunciado fonológico, tampouco da palavra fonológica; e ainda que nestas línguas, o limite de palavra ou frase fonológica corresponde ao limite do enunciado fonológico.

⁵ Em algumas línguas Pano, incluindo línguas descritas no alto Juruá, como é o caso do Saynawa, Couto (2015), o ponto default é o enunciado fonológico; já para outras o default é a palavra fonológica, como é o caso do Shawã (SOUZA, 2012).

Neste sentido, pode-se afirmar que a consoante glotal [ʔ] é um segmento epentético, não se confirmando como segmento fonológico, nem mesmo de natureza alofônica de qualquer fonema ou arquifonema da língua Shawã. Pode-se se postular ainda sobre este segmento que seu papel é exclusivamente conferir peso à sílaba e assim reparar pé binário, sem contraste de duração e/ou reparar pé degenerado em final de enunciado fonológico, pois esses pés mal formados não são licenciados em posição de acento mais proeminente do enunciado fonológico. No caso da palavra fonológica (palavras isoladas), processa-se a sensibilidade quantitativa para garantir o peso final a palavra, lugar que recai o acento proeminente, como veremos mais adiante.

Assim, como já foi dito, neste fenômeno é comum a ocorrência de processos segmentais que reparam pé degenerado ou que transformam uma sequência (˘ ˘) em (˘ ˘), isto é, uma sequência fraco-fraco em forte-fraco, ou seja, um iâmbico canônico. De acordo com a literatura de Hayes (1995: 82-83, 95-98) e ainda Ito e Mester (1986), a inserção da glotal no Shawã, assim como processos de alongamento vocálico é um fenômeno prosódico e rítmico, uma vez que é ativado para atender à restrição do enunciado fonológicos e/ou palavra fonológica, uma vez que ambos os contextos exigem pés bem formados em posição de acento mais proeminente.

Todavia, cabe aqui ressaltar que os processos fonológicos de inserção da glotal e alongamento vocálico são processos distintos, e ambos se restringem ao nível fonético da sílaba como forma de atribuição de peso, deixando ao contexto a interpretação entre palavra fonológica e enunciado fonológico (vide os compostos expostos anteriormente).

Desse modo, o processo fonológico de inserção da glotal é categórico em palavras Shawã, que apresente ou não alongamento vocálico, uma vez que este fenômeno de alongamento não configura peso para o Shawã.

Contudo, cabe aqui relatar que a língua não permite uma coda complexa, ou seja, a inserção da glotal não é processada quando a sílaba final já estiver com coda nasal preenchida, pois a presença de um segmento nasal em ambiente de Coda, também caracteriza sílaba pesada para o Shawã.

Além do que se relatou, ver-se-á posteriormente que a coda nasal, cujo ponto de articulação não é especificado, exclui a fricativa glotal no fim da palavra. Todavia, este condicionamento observado, isto é, a inserção da epêntese não bloqueia o alongamento vocálico, o que mais uma vez comprova nossa suspeita de que o alongamento vocálico não atribui peso a sílaba final; por outro lado, já em contexto nasal, não se registrou a presença da glotal em nível do enunciado fonológico ou nível da palavra.

Assim sendo, a inserção da glotal após uma coda nasal caracterizaria uma coda complexa, o que é proibido para o padrão silábico da língua, todavia, diante de uma vogal

alongada não caracteriza, uma vez que no Shawã, o alongamento vocálico é também um recurso de ajustamento rítmico que não confere peso à língua, sendo necessário a inserção da glotal para caracterizar um iâmbico bem formado. Vejamos:

(4)

- a) [tʃiʔ] ~ [tʃi:ʔ] /tʃi/ “fogo”
- b) [daʔ] ~ [da:ʔ] /da/ “matar”
- c) [ba'i:ʔ # ʃaraka'paʔ] /bai # ʃa,raka'pa/ “terra boa mesmo”
- d) [ta'e:ʔ] ~ [taeʔ] /tae/ “pé”

Análise métrica:

(X) Nível do enunciado fonológico (RFD)

(X) Nível da frase fonológica

(X) (X) Nível da palavra fonológica

(. X) (. X) Nível do pé

∨ ∨ ∨ - Nível da sílaba

ta'e ta'eʔ

e) [ba'i:ʔ # ʃa'raʔ] /ba,iʃa'ra/ “terra boa”

Análise métrica:

(X) Nível do enunciado fonológico (RDF)

(X) (X) Nível da frase fonológica.

(X) (. X) (X) (X) (X) Nível da palavra fonológica

(X) (. X) (. X) (X) (X) Nível do pé

∨ ∨ ∨ - ∨ - Nível da sílaba

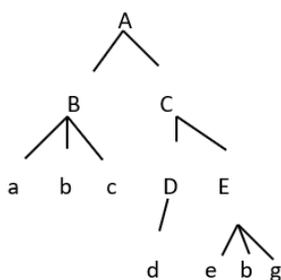
Na seção que segue apresentaremos evidência para uma coda nasal a partir de fatos de bloqueio de epêntese de glotal.

3 Nasalidade

Iniciemos fazendo uma breve revisão de algumas noções básicas sobre a *organização de traços* tal como descrita na teoria fonológica não linear denominada Geometria de Traços. Em primeiro lugar, apresentamos o modelo de Clements e Hume (1995), cujo objetivo é explicar o modo como os traços distintivos são organizados internamente nos segmentos, isto é, a forma como se agrupam em constituintes funcionais. No decorrer do texto, entretanto, outros modelos serão agregados.

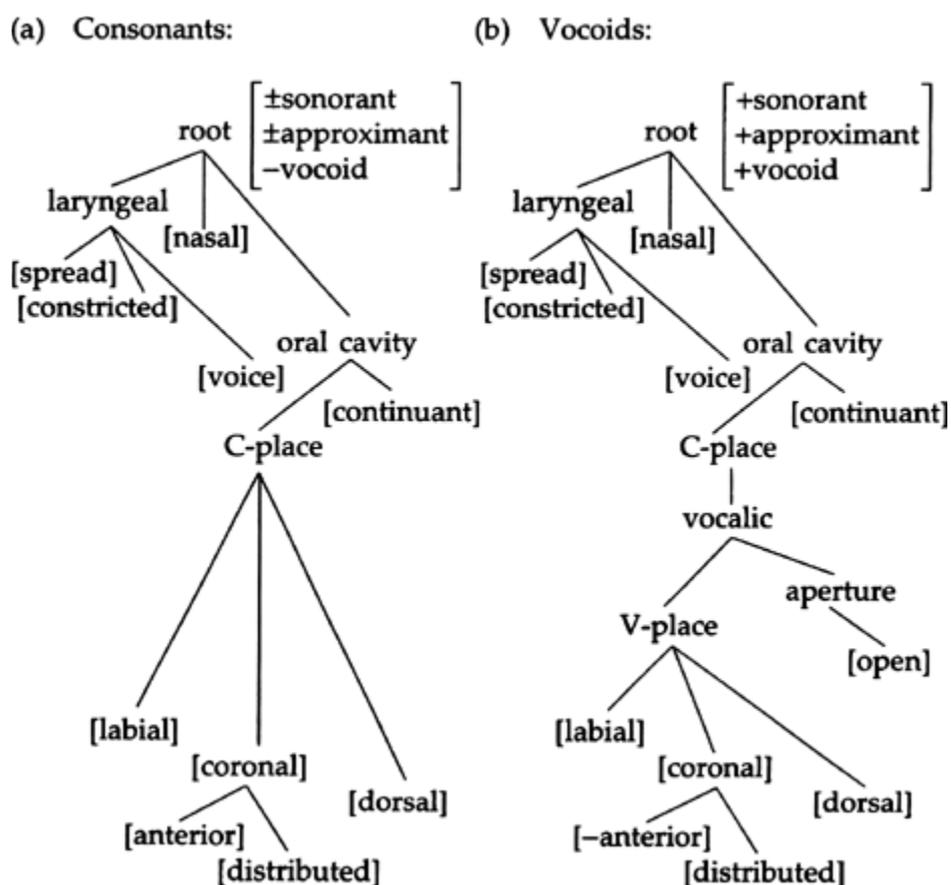
Nessa abordagem, os segmentos são representados em termos de configurações de nós organizados em hierarquia. Os nós do tipo terminais são os traços, enquanto os intermediários são os constituintes maiores ou nós de “classes naturais”. Assim, ao contrário da teoria clássica que focaliza os traços dentro de matrizes, essa proposta os dispõe em forma de móbile, tal como na representação seguinte:

Figura 01: Hierarquia de traços



Segundo Clements e Hume (1995), o elemento **A**, ou nó de Raiz, corresponde ao som falado ou segmento propriamente dito; nos níveis hierarquicamente inferiores estão os chamados nós de classe **B**, **C**, **D** e **E** designando o agrupamento de traços funcionais, tais como o nó laringal, os nós de ponto de articulação entre outros; e, nos níveis mais baixos (**a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f**, **g**) localizam-se os traços. Os constituintes imediatos de um constituinte maior são considerados nós irmãos (por exemplo, **D** e **E**), os quais são filhos ou dependentes do nó constituinte mais alto (por exemplo, **C**). Esses autores ilustram alguns dos nós de classe mais importantes na articulação de consoantes e vocóides (vogais e glides), respectivamente, conforme a figura a seguir:

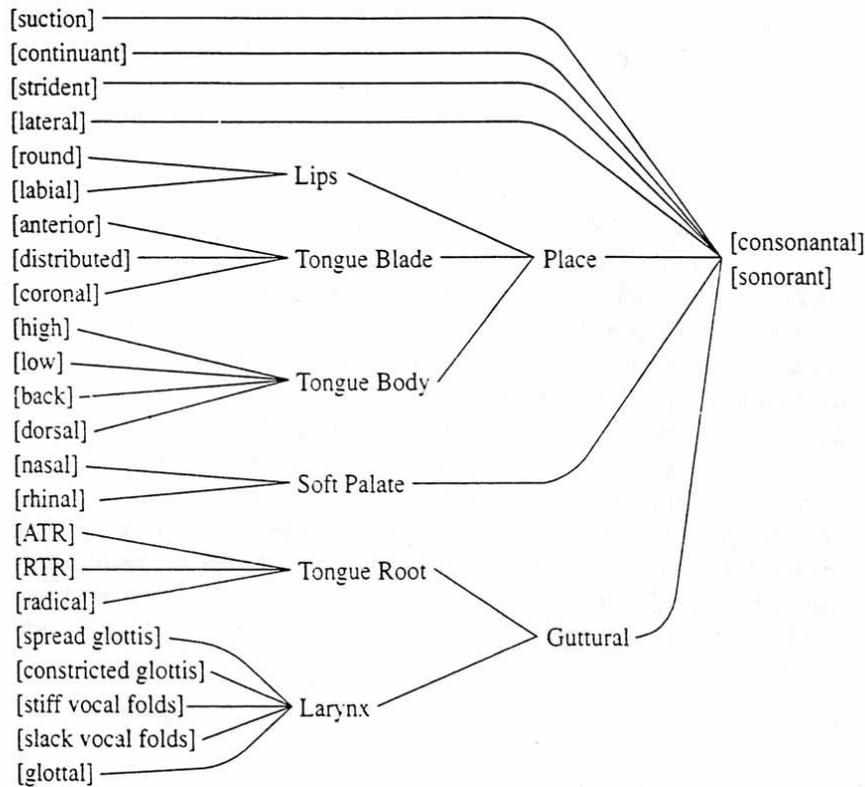
Figura 02



Fonte: Clements e Hume (1995)

Na linha de interesse deste estudo, salientamos a importante atribuição de Sagey (1986 apud PIGGOTT, 1992) à teoria Geometria de Traços, ou seja, a introdução de um conjunto de nós articuladores em que se inclui um nó denominado Palato Mole (**SP** = *Soft Palate*) ao qual se subordina o traço [nasal]. Assim, especificação de nó Palato Mole, doravante **SP**, indica que o véu palatino (ou palato mole) está ativado na produção de um segmento específico. Na geometria de traços que considera o nó **SP**, o traço [Nasal] está subordinado a ele, como pode ser observado na versão de Halle et alii 2002:

Figura 03



Fonte: Halle et alii (2002)

Como veremos posteriormente, essa introdução do nó **SP** na geometria será fundamental para a compreensão dos processos de harmonia nasal postulados por Piggott (1992). Por ora, adiantamos que essa possibilidade de representação hierárquica dos traços aparece no cenário dos estudos fonológicos como uma forte alternativa de viabilização da descrição de regras básicas e de princípios organizacionais de processos elementares, tais como a assimilação, a dissimilação, a neutralização entre outros. Nos propósitos específicos de nosso trabalho, vejamos o que Clements e Hume (1995) atestam sobre o processo de *assimilação*, em que se incluem os processos de harmonia.

A *assimilação*, de acordo com esses autores, é talvez o tipo mais recorrente de regra fonológica. À luz da Geometria de Traços, as regras de assimilação se caracterizam pela

associação ou pelo mecanismo de espalhamento de um traço ou um nó (conjunto de traços) de

um segmento **A** para um segmento **B** vizinho.

De modo geral, operações de espalhamento são governadas por uma condição de localidade estrita que previne saltos de posições a serem afetadas pelo processo. Elas também estão sujeitas a um conjunto de princípios que determinam, parcialmente, um possível alvo e definem que elementos podem ser opacos num processo em particular. Piggott (1992) expressa tais *princípios do espalhamento* como seguem:

Princípios do Espalhamento

- (a) Um elemento **X** será espalhado somente para uma posição não especificada para **X**.
- (b) O espalhamento de um elemento **X** pode ser detido somente por uma posição especificada para **X**.

O primeiro princípio assegura que um traço não se espalhará para um segmento que já esteja especificado para tal traço. Já o segundo, limita a definição de um segmento opaco, no sentido de que em um determinado processo de espalhamento, será opaco o segmento que carregar em si a especificação para o traço espalhado.

Ainda no que diz respeito ao mecanismo de espalhamento do traço [Nasal], segundo Piggott (1988), as línguas apresentam dois parâmetros de projeção do espalhamento:

Parâmetros da Projeção

- (a) Espalhamento do traço [Nasal] em direção à direita.
- (b) Espalhamento do traço [Nasal] em direção à esquerda.
- (c) Espalhamento bidirecional do traço [Nasal]

Esses processos de harmonia devem espalhar a nasalidade de um segmento intrinsecamente nasal para uma sequência de segmentos que incluem vogais, semivogais e glides laringais. Para exemplificar, vamos considerar uma geometria que conta com o nó SP.

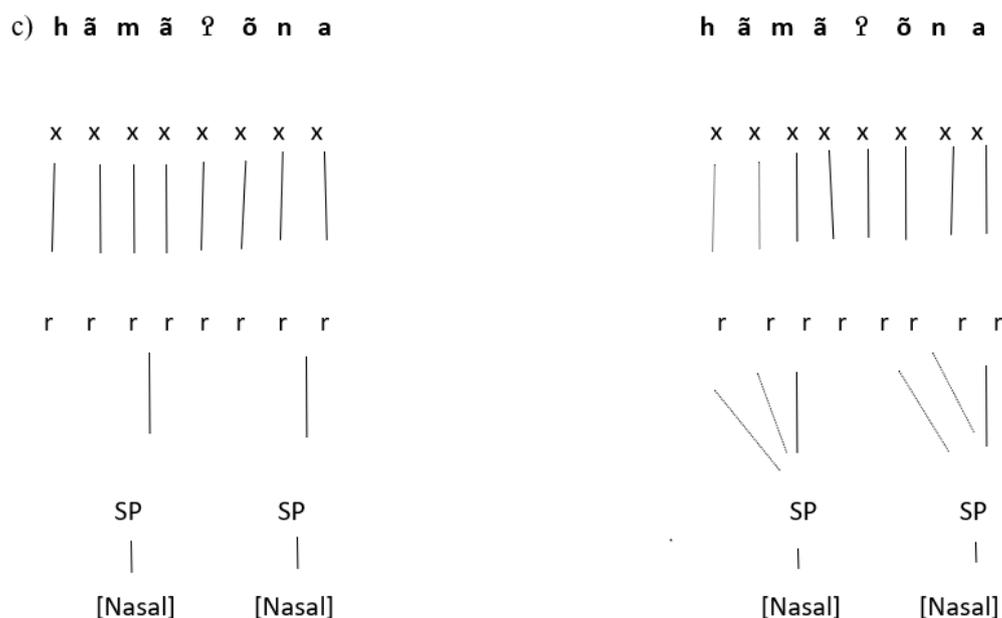
Em tal proposta, poderíamos postular que os segmentos consonantais das línguas Pano, em relação ao traço [Nasal], seriam especificados das seguintes formas por classes naturais:⁶

i) Consoantes Nasais	ii) Líquidas e laríngeas	iii) Obstruintes
[+cons, +son]	[+cons, +son]	[+cons, -son]
SP		SP
[+nasal]		

Nesse sentido, um dado como **hãmãʔõna** ‘andando a pé’, da língua Capanahua-Pano, segundo Safir (1979, 1982, apud Piggott, 1992), só poderá ser derivado do espalhamento do traço [Nasal] a partir da seguinte representação:

⁶ Nas representações abaixo, estão apenas as especificações para o nóculo SP, omitindo outras especificações para fins de economia e clareza de nosso ponto.

Figura 04



Com isso, o modelo de harmonia expresso pelo dado Capanahua, acima, parece consistente com os *Princípios de Espalhamento* em (a) e ainda estão de acordo com a geometria em (c). Quanto à extensão ou domínio desse processo de espalhamento, segundo Clements e Hume (1995) as regras podem afetar não apenas segmentos adjacentes, mas também aqueles que ocorrem a alguma distância do disparador. Contudo, à exceção de algumas línguas com morfologia “não-concatenativa” (McCARTHY, 1981, 1985, 1989; apud CLEMENTS; HUME, 1995), há limites importantes a respeito do domínio de uma regra, considerando o material interposto entre o segmento disparador e o alvo. Em especial, regras de assimilação não se estendem através de segmentos “opacos”, ou seja, aqueles que já estão especificados para o nó ou traço espalhado. Em seu artigo *Variability in feature dependency: the case of nasality*, Piggott (1992) afirma que as diferenças entre os segmentos transparentes, opacos e alvos podem ter origem em duas formas como o traço [Nasal] está organizado nos sistemas fonológicos. Na primeira (o Tipo A), deve haver um conjunto de obstruintes não contínuas que bloqueiam o processo de espalhamento do traço [Nasal]. Já na segunda (o tipo B), percebe-se que não existem segmentos opacos, já que todas as obstruintes são transparentes e todas as soantes são alvos. A proposta de Piggott é que, no Tipo A, a harmonia é resultado do espalhamento do nó SP e não do traço [Nasal], como vimos na

derivação do Capanahua. Neste caso, o espalhamento é bloqueado por segmentos especificados para o nó **SP**. Como apenas segmentos [+Consonantal] são subjacentemente especificados para esse nó, esse tipo de harmonia somente pode ser disparado por consoantes sendo os segmentos opacos, por sua vez, também consoantes.

Como vimos, no processo de espalhamento do Capanahua, a oclusiva glotal não é atingida. Piggott explica isso por meio da proposta de restrição de coocorrência de traço que proíbe a combinação dos traços [Nasal] e [Glote Constrictiva] em segmentos simples. Aliás, essa justificativa já foi utilizada por Loos (1967) para dar conta da ausência da oclusiva glotal nasalizada na língua Capanahua. Quanto aos segmentos alvo, estes podem ser variáveis e, de modo geral, costumam ser alvejados conforme os seguintes conjuntos: a) vogais e laringais; b) vogais, laringais e semivogais; c) vogais, laringais, semivogais e líquidas; d) vogais, laringais, semivogais, líquidas e fricativas. Já os segmentos opacos, que também são variáveis, são: a) obstruintes, líquidas e semivogais; b) obstruintes e líquidas; c) obstruintes; d) oclusivas. Nesse tipo de harmonia não são reconhecidos segmentos transparentes, ou seja, alguns casos de obstruintes e glides laringais que eventualmente não estão especificados para o traço [Nasal].

3.1 O comportamento de segmentos nasais e nasalizados

3.1.1 Os segmentos consonantais

Em termos de consoantes nasais, como foi mostrada anteriormente, a língua Shawã conta com cinco segmentos entre fones e fonemas, cujos traços de ponto de articulação, em geral, estão relacionados com a posição que esses segmentos ocupam na estrutura silábica, como veremos nos subitens da presente seção.

3.1.1.1 Segmentos consonantais em ataque silábico

Os segmentos [Nasal] que ocorrem em posição de ataque de sílaba apresentam ponto de articulação plenamente especificado, devendo, assim, estabelecer oposições de pares com significados distintos, como as atestadas, a seguir:

- | | |
|-------------------------------|--------------------------|
| a) [na 'ɨʔ] ‘terra’ | b) [naw 'aʔ] ‘não índio’ |
| [ma 'ɨʔ] ‘tipo de peixe cará’ | [maw 'aʔ] ‘grande’ |

Assim, todos os fonemas nasais (a saber: a Labial /m/ e a Coronal /n/) podem preencher o ataque silábico. Para concluir, apresentamos uma breve comparação entre dados do Shanenawa (CÂNDIDO, 2004) e do Shawã (SOUZA, 2004). Notemos que em termos de ponto de articulação, a oposição entre as nasais do Shawã ocorre também no Shanenawa.

(I) Língua Shawã

- | | |
|---------------|------------|
| (a) [ka 'mɨ] | ‘cachorro’ |
| (b) [nu 'nuʔ] | ‘pato’ |

(II) Língua Shanenawa

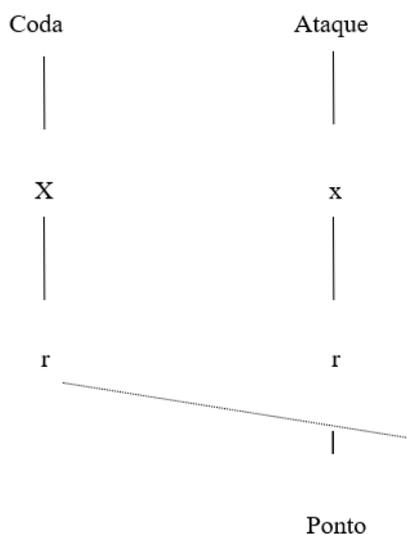
- | | |
|--------------|----------|
| (a) [ɨ 'naʔ] | ‘língua’ |
| (b) fi 'miʔ] | ‘fruta’ |

3.1.1.2 Segmentos consonantais em coda

Ao contrário do que verificamos no ataque, em posição de coda silábica antes de outra consoante, a oposição entre o segmento nasal [Labial] e [Coronal] é neutralizada. Em final absoluto de palavra, uma consoante nasal jamais parece. Naturalmente, essa afirmação pode suscitar dúvidas sobre a existência da nasal em tal posição.

Antes de defender a presença de uma nasal na posição final de palavra, representamos abaixo o fenômeno de assimilação de ponto de consoantes nasais em coda. Postulamos que na posição de coda, Ponto não é licenciado, e, portanto, copiado da consoante no ataque silábico seguinte:

Figura 05



Dessa forma, a consoante [Nasal] realiza-se na estrutura de superfície, conforme o traço de ponto da consoante ([Coronal] ou [Dorsal]), como nos mostram os dados:

- (I) (a) [kɔ̃n 'tiʔ] 'arco'
 (b) [diŋ 'kaʔ] 'ouvir'
 (c) [rɔ̃ntu 'kuʔ] 'joelho'

3.1.1.3 Os segmentos vocálicos

Como é possível constatar na literatura, a natureza da nasalidade (ou nasalização) em segmentos vocálicos tem posicionado os pesquisadores de línguas da família Pano em dois extremos: de um lado estão os que descrevem a nasalidade como uma característica inerente desses segmentos; de outro, estão aqueles que sugerem que tal fenômeno seja o resultado do contato entre a vogal e uma consoante, que nem sempre se realiza como tal.

Naturalmente, essa diferença de opiniões não deve configurar um problema, afinal, não há motivos para esperarmos que em todas as línguas de uma mesma família os processos fonológicos bem como os inventários de fonemas sejam idênticos. Além disso, nosso objetivo neste estudo não é o de polemizar a questão, mas tão somente pretendemos verificar em qual dos dois grupos de línguas mencionados acima o Shawã deverá se enquadrar.

Neste trabalho defendemos que não há vogais intrinsecamente nasais no Shawã. A distinção entre esses segmentos vocálicos se restringe ao nível fonético, sendo as vogais providas do traço [Nasal] apenas alofones de suas contrapartes orais. As nasais são nasalizadas em decorrência do contato com uma consoante nasal adjacente.

- | | | |
|-----|------------------|-------------------------|
| (I) | (a) [ɛ̃ 'naʔ]` | ‘possessivo 3pp’ V. CVC |
| | (b) [ɛ̃n 'duʔ] | ‘paca’ VC.CVC |
| | (c) [ɛ̃ndi 'huʔ] | ‘velho’ VC.CV.CVC |
| | (d) [pu 'ŋɛ̃] | ‘cobra’ CV .CV |

Como podemos notar, em todos os dados acima, a vogal nasalizada precede uma consoante nasal. Todavia, é necessário ressaltar que nem sempre as vogais nesse tipo de dados apresentam-se nasalizadas na fala corrente dos Shawã. O fenômeno de espalhamento não é obrigatório. Isso caracteriza o que a literatura denomina nasalidade vocálica alofônica (MORAES; WETZELS, apud ABAURRE; WETZELS, 1992), ou seja, muitas vezes a nasalidade de uma vogal não passa de uma manifestação fonética condicionada pela presença de uma consoante nasal em posição de ataque da sílaba subsequente à da vogal nasalizada. Daí podermos encontrar, no nível fonético, alternâncias do tipo:

- | | | | |
|------|-----------------|----------|----------------|
| (II) | (a) [ɛ̃bu 'kaʔ] | ‘amargo’ | V(n)C. CV. CVC |
| | (b) [ɛ 'duʔ] | ‘paca’ | V(n)C.CVC |
| | (c) [ɛ̃di 'huʔ] | ‘velho’ | V(n)C.CV.CVC |

Vejamos, agora, alguns exemplos que, a nosso ver, dão conta da nasalidade de vogais devido ao contato com um segmento consonantal adjacente:

- | | | |
|-------|-----------------|-----------------------|
| (III) | (a) [rantu'kuʔ] | ‘joelho’ CV. CVC. CVC |
| | (b) [ʃi'an] | ‘chorar’ CV. VC |
| | (c) [pu'an] | ‘peixe’ VC. CVV |
| | (d) [run'kiʔ] | ‘nariz’ CVC.CV |

Ao contrário dos dados apresentados em (I) que corroboram a hipótese de que na língua Shawã não existem vogais inerentemente nasais, os exemplos em (II), acima, nos conduzem a questionarmos se de fato isso é verdade. Mais especificamente, como já havíamos chamado atenção, esse tipo de dados pode de fato levantar dúvidas quanto à existência de uma consoante nasal em final absoluto de palavra. Entretanto, acreditamos que, independente da realização fonética, a nasalidade vocálica dos dados em (III) também resulta do contágio por uma consoante nasal.

Lembremos agora os dados da epêntese da glotal. Em palavras terminadas em sílaba aberta, sempre se registra, no nível fonético, a presença da oclusiva glotal [ʔ] em coda. Quando a palavra termina em vogal nasalizada, a inserção da glotal não se processa, sendo, portanto, consideradas agramaticais sequências do tipo **#...Cv)/#*. Isto é, a presença da consoante nasal inibe a inserção da glotal. Dadas essas considerações, parece-nos razoável supor que toda ocorrência da nasalidade em vogais do Shawã deve-se ao contato com um segmento [Nasal]. Postulamos que a glotal não pode ser inserida porque a coda está preenchida por uma consoante nasal que não se superficializa por não contar com Ponto. Estando esta consoante em final absoluto de palavra, ela não pode assimilar ponto e, portanto, não toma forma fonética. Mas está presente na representação e, portanto, não há a possibilidade de inserção da glotal. Com base nos postulados teóricos apresentados, todos os eventos referenciados aqui estão sendo interpretados como processos de assimilação, mais especificamente, de harmonia nasal (CLEMENTS; HUME, 1995). Em consonância com Piggott (1992), tais processos não se caracterizam pelo mecanismo de associação do traço [Nasal] às vogais, mas, sim pelo *espalhamento* do nó **SP** (Palato Mole), como já mostramos anteriormente.

Portanto, como demonstram as representações respectivas, todos os segmentos nasais são inerentemente especificados para o nó **SP**, de que o traço [Nasal] é subordinado. Então, nos processos de harmonia, é o nó **SP** que se espalha sobre todas as vogais precedentes que se encontram entre o disparador e os elementos considerados opacos no processo de harmonia nasal, ou seja, os segmentos também especificados para o nó **SP**. Isso é evidenciado pelas transcrições fonéticas dos dados, em (a) e (b). Aliás, em (b), a consoante [Coronal], /t/, bloqueia o espalhamento do nó **SP**, evitando com isso a nasalização da vogal que a antecede. Isso confirma os *princípios de espalhamento* estabelecidos por Piggott (1992), ou seja, o nó **SP** não pode ser espalhado para os segmentos já especificados para ele. A propósito, como apenas as vogais, segmentos não especificados para o nó **SP**, podem ser alvo nos processos de harmonia nasal em Shawã, então, a regra de aplicação verificada aqui se dá no modo do preenchimento de traços, no caso, de um conjunto de traços, ou seja, o nó **SP**.

Já no que tange ao domínio do espalhamento do traço [Nasal], apenas vogais podem ser atingidas pelo elemento disparador. Em todos os casos apresentados, porém, somente as

vogais imediatamente antecedentes à consoante nasal podem ser alvo, ou seja, aquelas que figuram entre o elemento disparador e um segmento obstruinte já especificado para o traço [Nasal]. Caso contrário, o espalhamento não ocorre, conforme reafirmam os exemplos, a seguir:

- (II) (a) [pus 'miʔ] 'tingui'
 (b) [fus 'niʔ] 'cílio'
 (c) [fumɜ 'naʔ] 'testa'
 (d) [sunɜnim 'paʔ] 'verde'

Comparando os dados (I:a-b), acima, com outros em que vogais são nasalizadas porque antecedem sílabas cujo ataque é uma nasal, observamos que as obstruintes contínuas que em (II:a-b) figuram na posição de coda não-final, interpondo-se, entre a nasal e a vogal antecedente. Esses segmentos contínuos bloqueiam completamente o espalhamento da nasalidade inibindo o processo de harmonia nasal nesses dados. Quanto aos exemplos em (I:c-d), lembremos que em Shawã temos caso de nasalidade vocálica alofônica, ou seja, opcional. Esse parece ser o caso da vogal nas primeiras sílabas desses dados. Em suma, com base na descrição do comportamento dos segmentos vocálicos em Shawã, podemos dizer que o processo de nasalização opera do seguinte modo:

Nasalidade em segmentos vocálicos

Espalhar SP

Domínio: segmentos vocálicos ou glides projetados à esquerda

Assim, vimos que em termos de harmonia nasal o Shawã se situa no Tipo A estabelecido por Piggott (1992). Nesse aspecto, então, a língua está em consonância com o Capanahua, outra língua da família Pano. Além disso, voltando à questão exposta na introdução deste tópico, diante do que descrevemos aqui, podemos dizer que o Shawã enquadra-se no rol das línguas Pano em que não figuram vogais nasais, mas sim aquelas nasalizadas devido ao processo de espalhamento do nó **SP** e do seu dominado, o traço [Nasal], de uma consoante nasal que pode ocupar a posição de coda ou ataque de uma sílaba que se segue.

Considerações Finais

O presente estudo teve como preocupação focar o comportamento do acento e da nasalização na língua Shawã. Com a descrição do acento, indicamos que o Shawã (Pano), enquadra-se no conjunto de línguas tradicionalmente como portadoras de acentos fixos, ou seja, a última sílaba da palavra sempre será acentuada, e isso nos assegura que tal acento não é um traço distintivo.

Para evidenciar a nasal, o estudo foi direcionado à luz de Piggott (1992), no que concerne a harmonia nasal. Por isso, postulamos que o Shawã está no grupo Tipo A postulado pelo autor. No inventário da língua, observamos que ela, assim como outras línguas da família, não comunga de vogais nasais, mas nasalizadas por um processo de espalhamento do nó SP e do seu denominador, o traço [Nasal] de uma consoante nasal que pode ocupar a oposição de coda ou ataque da sílaba que segue. O argumento trazido aqui para se postular uma consoante nasal em coda final que não se superficializa (mas nasaliza uma vogal) é o fato de que uma vogal nasalizada em final de palavra não admite a inserção de glotal para garantir uma sílaba pesada (por *Iambic Lengthening*). Ora, argumentamos que esta inserção não ocorre porque a consoante nasal ocupa a posição de coda no nível fonológico e, portanto, não há como ou um porquê de inserir uma glotal na coda final nestes casos.

Assim sendo, queremos ressaltar que nosso trabalho não se esgota com esta descrição, uma vez que se sabe a necessidade de aprofundar no conhecimento da língua indígena e trabalhar para que o idioma Shawã tenha seu registro preservado; entretanto, para o momento, acreditamos que contribuimos para que os estudos acerca da fonologia Pano sejam enriquecidos com a nossa análise.

Referências

ABREU, J. C. *Rã-txa hu-ni-ku-iâ: A língua dos Caxinauás do Rio Ibuacú Afluente do Murú*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1914.

AGUIAR, M. S. Los Grupos Nativos Katukina. *Amazônia Peruana*, Lima, n. 23, p. 141-52, 1993.

_____. *Análise descritiva e teórica do Katukina Pano*. 1994. 308 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

BARROS, L. *A Nasalização Vocálica e Fonologia Introdutória à Língua Katukina (Pano)*. 1987. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

_____. Esboço Fonológico do Caxinaua (Pano). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 9, p. 209-228, 1993.

_____. La Structure Actancielle du Caxinaua. *La Linguistique*, Paris, v. 34, p. 137-150, 1998.

_____. Cashinahua Personal Pronouns in Grammatical Relations. *Current Studies on South American Languages*, Leiden, p. 149-168, 2002.

CÂNDIDO, G. V. *Aspectos fonológicos da língua Shanenawa (Pano)*. 1998. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

_____. O Processo de Harmonia Nasal na Língua Shanenawa-Pano. Apresentação realizada no 51º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), 22 a 24 de maio de 2003. Taubaté: UNITAU, 6f.

HAYES, B. *Metric Stress Theory: principles and case the studies*. Chicago: The University of Chicago, Press, 1995

LOOS, E. E. *The Phonology of Capanahua and its Grammatical Basis*. Tesis (para optar el grado de Ph. D. Especialidad en Lingüística) – University of Texas at Austin, Austin, 1967.

_____. Estudios Panos I. *Série Lingüística Peruana*, n. 10. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1973.

_____. Rasgos Sintático-fonémicos en la Historia Lingüística de los Idiomas de La Familia Pano. *Lingüística e Indigenismo Moderno de América*. Lima: IEP, 1975, p. 181-4.

_____. ‘IF’ in Capanahua. In: LOOS, E. *Logical Relations in Discourse*. Summer Institute of Linguistics, 1999b, p. 195-217.

McCARTHY, J. J. OCP effects: Gemination and antigemination. *Linguistic inquiry*, v. 17, n. 2, p. 207-263, 1986.

PAULA, A. S. *A língua dos índios Yawanawa do Acre*. 2004. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SAFIR, K. *Metrical Structure in Capanahua*. MIT Working Papers in Linguistics. v. 1, p. 95-114, 1979.

SOUZA, E. C. *Aspectos fonológicos da língua Jamináwa-Arara*. 2004. 85 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

EMERSON CARVALHO DE SOUZA

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2012) e Pós-doutoramento em Linguística na Universidade Livre de Amsterdam. Pesquisador da Unesco e Líder do projeto de documentação de aspectos da cultura e da língua Shawã. Professor adjunto da Universidade Federal de Roraima (UFRR), onde trabalho com documentação, descrição e análise de Línguas Indígenas, Fonologia e Educação Indígena Intercultural. CV: <http://lattes.cnpq.br/2507924242370719>. E-mail: cs.emerson@gmail.com.